um dia orientarão os estudos históricos no Brasil. E é difícil fazer alguma coisa nova sem conhecer bem o que já se fêz. Que o problema não é só nosso, o próprio José Honório o confessa ao mencionar as influências que recebeu nesse campo revisionista. Seria bastante citar, entre outros, a obra de Barraclough, *History of a Changing World,* recentemente traduzida com o título de *Europa: uma revisão histórica* (Zahar, 1964).

Esperamos ansiosamente pelo restante da obra de José Honório Rodrigues. Conhecemos, e não é de hoje, o carinho e a dedicação que êle põe nos trabalhos que empreende. Especialmente naqueles em que êle tem consciência de estar sendo pioneiro. A princípio, com os holandeses no Brasil; depois, a teoria da História do Brasil; finalmente, a caracteriologia aplicada à História do Brasil, que constitui grande parte de seu livro anterior, o já citado *Aspirações nacionais,* um livro que não nos cansamos de recomendar aos nossos alunos. Escrevendo sôbre êle e especialmente sôbre a responsabilidade das Faculdades de Filosofia nesse processo revisionista, tivemos oportunidade de lembrar a experiência da Professôra Maria Lúcia de Souza Rangel instituindo na Faculdade de Filosofia de Campinas um curso de História Social do Brasil, em cujo programa a caracteriologia ocupa lugar de destaque, uma experiência que permanece pràticamente isolada no quadro das Faculdades de Filosofia do país. E também neste caso o estímulo veio de José Honório Rodrigues. Foi um pequeno trabalho por êle publicado no *Boletim Geográfico* em 1962 que serviu de ponto de partida para o programa elaborado pela Professôra Souza Rangel, iniciado em Campinas e repetido, com pequenas modificações na cadeira de História Social do Brasil da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E' para nós sumamente agradável, constatar, assim, que em duas ocasiões, José Honório Rodrigues contribuiu diretamente para os trabalhos de História do Brasil em nossa modesta Faculdade de Campinas.

Julgamos oportuno trazer a público êste testemunho, uma vez que pouco teríamos a acrescentar ao que já foi escrito sôbre *História e historiadores do Brasil* depois da nota do ilustre professor da Faculdade de Filosofia de Marília.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *

RODRIGUES (José Honório). — *Interêsse nacional e política externa.* Rio de Janeiro. Editôra Civilização Brasileira. 1966. 232 págs.

José Honório Rodrigues é, atualmente, sem favor, um dos historiadores brasileiros mais conhecidos, não apenas nos limites da nossa Pátria, como em todo o mundo. Trabalhando sempre com a História, seja como diretor do Arquivo Nacional, seja como professor visitante de universidades estrangeiras, José Honório Rodrigues foi avolumando tôda uma erudição que coloca, em suas obras, de maneira objetiva e despretenciosa, ao alcance de qualquer pessoa de recursos médios. Não quer isto dizer, entretanto, que seus escritos sejam superficiais. Honório Rodrigues não teme tocar na História Contemporânea, reestudar fatos mal abordados, fazer uma revisão em conceitos tabus ou mistificados pela pseudo-historiografia tradicional.

No volume ora em pauta, o Autor, numa série de estudos, trata da política exterior do Brasil de maneira palpitante e mesmo polêmica, por vêzes. Embora, no dizer de José Honório Rodrigues, não seja êste exatamente o trabalho que, a respeito do assunto, pretendia escrever,

> "pois não é planejado nem orgânico... (os estudos estão) todos ligados pelo mesmo espírito de interpretação e pela mesma busca das regularidades... do processo histórico brasileiro....'" (pág. 1).

Ressalte-se que nesse "espírito de interpretação", não xenófobo, mas inteiramente baseado em fatos:

> "êstes mostram os aspectos negativos das relações econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos que precisam ser eliminados, sem nenhuma hostilidade, mas com a maior franqueza" (pág. 5).

O primeiro ensaio, "Fundamentos da Política Externa Brasileira", dá uma visão global do assunto tratado no livro. Podemos ver aí nossas relações com os podêres europeus (p. 15), com os países americanos (p. 20), os problemas do Prata (p. 21) e as relações com os Estados Unidos, que o Autor tratará mais especìficamente no decorrer do volume. Entretanto, após afirmar que Rio Branco foi um marco na formulação de nossa linha diplomática, conclui que

> "por isso a política externa de 1912 a 1960, sem maiores alterações consiste em acompanhar os Estados Unidos, nos seus programas de pan-americanismo, de solidariedade e colaboração" (pág. 36).

No ensaio seguinte, José Honório Rodrigues destaca o papel que teve Jânio Quadros, pois desde seu govêrno (o artigo foi originalmente escrito em 1962),

> "o Brasil ... não se conforma mais, não aceita, refuga o papel secundário ... que lhe destinou a política norte-americana" (pág. 71).

Já no escrito que se sucede e que batiza o volume, o Autor conclui que

> "conciliar a existência do povo com a Nação no campo nacional e a coexistência da Nação com as nações no campo internacional (são) as duas grandes questões políticas que desafiam a liderança nacional e definem, em suma, o interêsse nacional" (pág. 93).
>
> "As relações Brasil-Estados Unidos" através de 48 tópicos concisos, são objetos da apreciação histórica que vai da pág. 94 à 107 e que analisa o período de 1822 a 1930. Vemos então a atuação dos EUA, reconhecendo a nossa independência, lutando por um tratado comercial que facilitasse a introdução de seus produtos agrícolas e industriais entre nós, importando café em grandes quantidades, substituindo, paulatinamente, os países europeus, até que "nossas finanças dependiam agora de Nova Iorque" (pág. 107).

Uma das partes realmente inéditas do livro é aquela que trata das relações do Brasil com os países do Extremo Oriente. Aí, após uma breve introdução histórica (p. 108) o Autor passa a estudar as interrelações Brasil-China (p. 116), quase nulas no período imperial e mesmo na República quando

> "as relações continuaram marcadas pela mesma insignificância e insucesso" (pág. 126).

Entra depois José Honório Rodrigues em problemas bem atuais como a missão comercial enviada por Jânio à China em 1961 (p. 133), o comércio com

Formosa (p. 140), e o reconhecimento da China Comunista (p. 141). Também nos alerta o Autor para o enorme interêsse que nosso país poderia ter em explorar melhor nossas relações com as jovens nações africanas. Torna-se por outro lado digno de nota verificar as posições apresentadas por José Honório Rodrigues ao escrever o artigo, em 1962, e sua relativa validade nos dias de hoje, quando nossa política exterior tomou rumos bastante diversos dos de então.

O último ensaio intitula-se "Fortuna e Desfortuna da Política Externa Independente". Estudo polêmico, apaixonado e agressivo, principia afirmando que

> "a política externa brasileira é um reflexo limpo de tôda a sua história" (pág. 180).

Relaciona depois as contradições e as dúvidas da nossa atuação externa com a problemática interna, para, a seguir, apresentar os objetvios nacionais que identifica como sendo de política própria e independente (p. 190). Termina renegando violentamente a chamada política de "interdependência" quando afirma que

> "a independência é uma condição de existência e a interdependência é a ideologia do suicídio nacional" (pág. 214). Considerando ligações de dependência como negativas à própria soberania, conclui exclamando que "a primeira e grande tarefa de uma política sadia consiste na anulação progressiva das alienações de soberania" (pág. 215).

O livro, que apresenta ainda um índice remissivo e a divulgação de interessante documento é, como dizíamos a princípio, uma obra a partir da qual pode advir o debate e o esclarecimento. A clarividência de José Honório Rodrigues em levantar um problema histórico dessa natureza poderá transcender a própria obra, na medida em que ela der ensejo a outros historiadores brasileiros de seguirem na senda por êle aberta.

JAIME PINSKY

*

* *

RODRIGUES (José Honório). — *Vida e História,* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, 278 pgs.

O nôvo livro de José Honório Rodrigues surge num momento oportuno, porque os estímulos aos estudantes e professôres de História têm minguado nos últimos tempos.

Na verdade, é o primeiro trabalho realizado por historiador brasileiro onde a História se apresenta como

> "disciplina de unidade e de ação, que revela discretamente, mas sem temor, a sobrevivência das fôrças políticas pré-nacionais e até mesmo antinacionais, e esclarece que quando se obstruir a ação das novas fôrças sociais, o grau de violência pode vir a ser proporcional ao tempo de retardamento" (prefácio).

Evidentemente, os mais austeros dirão que já não estamos mais no domínio do historiador. A êstes bastará lembrar o exemplo de um outro historiador austero, Johan Huizinga, que foi